

Hamnet e a força melodramática

Hamnet and the melodramatic force

Vinicius Ferreira Barbosa¹

Resumo

Neste trabalho é focalizado a forte presença da imaginação melodramática no cinema contemporâneo. Essa imaginação permeia as sensibilidades na nossa cultura tecnológica, que mesmo com tantos avanços técnicos e científicos, ainda se faz presente uma visão de mundo constituído no século XVIII. É importante entender as estruturas culturais em que estamos inseridos, a percepção do melodrama como imaginação é uma janela para ampliar essa abordagem. Para tanto, as reflexões de autores como Peter Brooks são fundamentais para aprofundar as ideias sobre o modo de representação que o melodrama incorpora em filmes como no atual Hamnet: A Vida Antes de Hamlet.

Palavras-chave: Cinema, Melodrama, Sensibilidades, História.

Abstract

This work focuses on the strong presence of the melodramatic imagination in contemporary cinema. This imagination permeates the sensibilities within our technological culture, which, despite so many technical and scientific advancements, still harbors a worldview shaped in the eighteenth century. Understanding the cultural structures in which we are embedded is essential, and perceiving melodrama as an imagination provides a window to broaden this approach. To this end, the reflections of authors such as Peter Brooks are fundamental to deepening ideas on the mode of representation that melodrama embodies in films like the current Hamnet.

Keywords: Cinema, Melodrama, Sensibilities, History.

O filme

A análise filmica, aqui proposta, busca compreender as relações da obra com a cultura moderna, marcada por avanços técnicos e científicos, mas que está inserida, historicamente, em um contexto de transformações e permanências. O estudo observa, sobretudo, o aspecto das permanências, utilizando conceitos como “melodrama” e “imaginação melodramática” como janelas de observação da subjetividade humana. O cinema, na perspectiva deste trabalho, é compreendido

¹ Historiador formado pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás. É mestre em História pela mesma universidade. Atualmente é aluno do doutorado em Artes, Culturas e Tecnologias do MediaLab da Universidade Federal de Goiás. E-mail: viniciusbarbosa9921@gmail.com

como uma ferramenta propagadora de uma mentalidade surgida no contexto da Revolução Francesa, no século XVIII.

Lançado em 2025 sob a direção da cineasta chinesa Chloé Zhao, o filme *Hamnet: A Vida Antes de Hamlet* conquistou sucesso expressivo na temporada das principais premiações do cinema nos Estados Unidos. Foi indicado a Melhor Filme no Oscar de 2026 e ganhou na indicação de Melhor Filme Dramático no Globo de Ouro do mesmo ano. A atriz Jessie Buckley, que interpreta a protagonista Agnes, também foi laureada com diversas premiações, incluindo o Oscar de melhor atriz e o Globo de Ouro como melhor atriz em filme de drama. O filme também ficou entre os mais assistidos nos cinemas brasileiros, estando entre os dez mais vistos (Fear, 2025). Tanto os prêmios conquistados quanto o sucesso nos cinemas, evidenciam a ampla aceitação do público e dos votantes das premiações para com a obra cinematográfica.

A experiência melodramática

A trama do filme é uma adaptação literária homônima da escritora Maggie O' Farrel, que também teve participação no roteiro filmico ao lado de Chloé Zhao. Valendo-se da liberdade poética, o filme constrói a relação do dramaturgo William Shakespeare (Paul Mescal) e sua esposa, Agnes Hathaway (Jessie Buckley) focando na constituição da família com três filhos, seguido da tragédia que ocorrerá com a morte de um deles, Hamnet (Jacobi Jupe). A partir desse evento, o tema do luto entra em cena, tomando configurações que demonstram parte da nossa forma de sentir e perceber o mundo.

Agnes recebe atenção especial da direção, o que se explicita no uso de cores vivas em seu vestuário e em sua relação simbiótica com a natureza, sugerindo uma sintonia íntima e espiritual com os elementos da floresta, acompanhada por um falcão. Logo no início, a personagem está deitada aos pés de uma árvore enquanto a

câmera se movimenta pelo ambiente natural. Aos pés dessa mesma árvore, ela fará o parto, sozinha, de sua filha primogênita. Além da relação harmoniosa com a natureza, Agnes também possui uma sensibilidade profética, em diversos momentos o filme sugere que ela antevê a morte de um de seus filhos. Zhao concebe a protagonista como uma mulher resiliente, forte e consciente dos seus desejos, condição essa impulsionada pela ambientação dos espaços ocupados pela protagonista. Tais elementos presentes preparam Agnes para o sofrimento vindouro, quando o luto ocupa parte da sua vida, e ao mesmo tempo criam uma atmosfera perfeita para o desenvolvimento da sensibilidade melodramática por parte do público que assiste.

A temática do luto compreende boa parte do filme, expondo um teor dramático acentuado nas atuações, bem como o uso de outros recursos, como a música, para enfatizar o drama vivido pela família. Para ampliar o impacto emocional, a obra estabelece um paralelo entre a relação familiar do casal, quando Shakespeare conhece e se casa com Anne, tendo, em seguida, os outros dois filhos, já que o primeiro eles ainda não estavam casados. Nesse primeiro momento, temos a construção dos laços familiares, com cores quentes ocupando quase todo o cenário, isso é evidenciado, principalmente, na roupa usada pela personagem materna, onde o vermelho é constante. O interessante é perceber o contraste entre Shakespeare e Anne, já que o personagem paterno é envolto em cores frias, com tons acinzentados. Sendo assim, fica ainda mais claro o destaque dado à mãe. A ambientação, também, segue esse contraste em outros momentos da obra, quando vemos os locais habitados pelos dois personagens, por exemplo, na casa da família de Shakespeare, antes dele se casar, temos cores escuras e acinzentadas, enquanto na casa da família de Anne a luz e as cores quentes se fazem mais constantes. Esse dualismo cromático ecoa procedimentos de clássicos do cinema, como o uso simbólico das cores por Alfred Hitchcock em *Um Corpo que Cai* (1958).

No trabalho de Zhao, esses procedimentos estabelecem o cerne da obra: o aspecto melodramático. Como narrativa, o melodrama surgiu no teatro na transição do século XVIII para o XIX, no contexto da Revolução Francesa. As transformações

sociais ocorridas com a Revolução modificou significativamente a política, a economia e também as sensibilidades. Diante de um mundo caótico derivado dessas transformações, o melodrama, enquanto narrativa, se desenvolve plenamente, trazendo uma espécie de conforto e acolhimento diante de tantas mudanças radicais. O professor Ismail Xavier é uma referência no Brasil na análise do melodrama no cinema, sendo, portanto, fundamental na abordagem do presente artigo quando percebe a permanência dessa forma de sensibilidade:

“Essa combinação de sentimentalismo e prazer visual tem garantido ao melodrama dois séculos de hegemonia na esfera dos espetáculos, do teatro popular do século XIX, já orgulhoso de seus efeitos especiais, ao cinema que conhecemos. Por mais de um século, grosso modo até a Primeira Guerra Mundial, a França definiu o pólo de maior vigor e interesse. A partir de então, o *show business* anglo-americano, e as análises mais sugestivas do estatuto do melodrama em nosso tempo têm vindo justamente das revisões feitas pela crítica de língua inglesa” (XAVIER, 2003, p. 89).

O sentimentalismo melodramático, na percepção de Ismail Xavier, ainda prevalece fortemente na cultura contemporânea, sendo constantemente atualizada de forma a garantir o prazer visual. Portanto, essa fórmula narrativa vem se consolidando na história do cinema mais comercial, sobretudo o hollywoodiano. Em *Hamnet* esse aspecto ganha ainda mais contornos, quando observamos o roteiro, a música e as atuações. O roteiro manipula as emoções dos espectadores, oferecendo tempo considerável ao momento do óbito do filho, estendendo a encenação e mostrando a agonia da mãe tentando salvar a vida do filho acamado por uma doença. Quando o filho enfim morre, a atuação da atriz Jessie Buckley ganha forma no exagero das emoções, expondo choros e gritos, exigindo da atriz grande desenvoltura, pois a partir desse momento as cores vivas dão espaço para cores neutras e frias, reforçando a sensação de sofrimento vivido pela família. Não por acaso, o uso da música *On the Nature of Daylight* (2004) do compositor Max Richter enaltece o aspecto melodramático da trama, música que foi utilizada também em outros filmes como *A Chegada*, de 2016 que também retrata a dor da perda de um filho, mas em *Hamnet*, o apelo melodramático é mais acentuado. No entanto, o objetivo dessa

análise não é criticar de forma depreciativa essa forma de narrativa, pois, como afirmam Lisandro e Caroline, para melhor apreensão do que busco retratar neste trabalho, a respeito da consolidação de um imaginário confortador:

“Ao longo dos séculos, o melodrama consolidou-se como um protocolo para a formulação de sentidos, como um imaginário que condensa questões universais para promover apaziguamento e provocar espanto, negociando representações em prol de uma maneira mais palatável de lidar com uma era de instabilidades” (Pires & Nogueira, 2013).

As instabilidades que se impõe, como analisam os referidos autores, se articulam inevitavelmente na nossa condição humana, sejam por meios políticos, econômicos ou até climáticos. A forma como reagimos às instabilidades é o que põe em evidência os aspectos da nossa sensibilidade moderna e ocidental. Pensar o melodrama responsabilmente, requer a ampliação do olhar para as esferas que constituem a nossa cultura, é preciso não apenas entender o melodrama como gênero, mas entendê-lo como imaginação. Somente assim é possível problematizar, de forma eficaz, como essa instância se articula na cultura contemporânea. Para isso, o autor Peter Brooks formulou uma contribuição importante, e que aqui, na minha análise, busco expandir a noção de melodrama.

“Minha tese tem sido criticada por enfatizar demais a dimensão ética do melodrama, sua tendência a postular uma moral oculta: os sistemas de valores escondidos e ao mesmo tempo eficientes que o drama, através de sua exaltação, tenta fazer presente e ordinário” (Brooks, 1995, p. 22, tradução própria).

Para Peter Brooks, a imaginação melodramática extrapola o conceito de melodrama como forma narrativa, essa imaginação se consolidou na cultura ocidental, configurando parte da nossa estrutura de pensamento. A noção de imaginação melodramática revela que a construção de sensibilidades e visão de mundo são moldadas de acordo com as configurações do tempo. É importante entender que essa construção adquire formatos diferenciados, dependendo do período histórico. Vejamos um ponto de vista histórico, abordado no desenvolvimento da minha

dissertação, em que as perspectivas de mundo se diferenciam no tempo e no espaço, para elucidar melhor como as estruturas de pensamento guardam configurações completamente diferentes, como no exemplo da cultura clássica:

“Nietzsche acreditava que a tragédia grega trouxe uma reconciliação do ser humano com o mundo, ou seja, essa reconciliação seria uma forma de interação do ser humano com a vida, baseada na afirmação das contradições e conflitos que a vida impõe” (Barbosa, 2016, p. 45).

O filósofo alemão, Nietzsche, contribuiu significativamente para a compreensão do pensamento trágico na Grécia pré-socrática². O pensador entendia que os filósofos dessa época afirmavam a vida com todas as suas contradições. Ao fazerem isso, estabeleciam uma ligação positiva com o próprio dever. No caso do filme aqui analisado, que aborda parte da vida do poeta Shakespeare, é notável observar como a direção optou por adotar caminhos que entram em conflito com a própria obra artística do poeta. Chloé optou pela abordagem melodramática em que os excessos trabalham para manipular os sentimentos dos espectadores, usando artifícios cinematográficos para ampliar o sentimento melodramático. As obras de Shakespeare tem forte influência da tragédia grega, que ao invés de simplificar a compreensão da condição humana no mundo, oferece um olhar multifacetado das características complexas dos personagens, observando a subjetividade humana e a responsabilidade dos indivíduos pelas ações tomadas na vida, com todas as suas possíveis consequências e não entende os personagens como meras vítimas das fatalidades mundanas.

No filme, após a morte trágica do filho, é dada ênfase no personagem de Shakespeare em início da carreira literária, mas tendo um forte bloqueio criativo, com dificuldades em desenvolver suas peças. É sugerido, na narrativa, que a morte prematura do filho impulsionou a inspiração do artista, é quando ele cria uma das principais obras da carreira: *A tragédia de Hamlet, príncipe da Dinamarca*. Portanto, o filme parece sugerir que o sofrimento e a dor são elementos impulsionadores da criatividade. A evidência dessa constatação está presente em toda a obra, pois há

uma grande valorização ²do sofrimento, principalmente em relação à mãe. Esse tipo de perspectiva adotada no filme se aplica perfeitamente ao que Peter Brooks chamou de imaginação melodramática, pois essa imaginação vai além da narrativa, ela é um modo de percepção que dominou a nossa contemporaneidade, baseada na visão redentora do ser humano. No filme, o sofrimento é recompensado, as atitudes consideradas erradas são perdoadas, como na relação entre a personagem Agnes e Shakespeare. Por exemplo, nas cenas finais, quando Agnes vai ao teatro assistir a peça lançada pelo marido, ao estabelecer um semblante de satisfação, ao ver o suposto espírito do filho no palco, percebemos o perdão dela para com o dramaturgo, pois ela o culpava quando o filho morreu e ele estava ausente, preparando a sua grande obra.

O cinema, pelas condições técnicas que possui, é uma arte propícia para a expansão da linguagem melodramática. A técnica de filmar em primeiro plano, por exemplo, situa o rosto do ator muito próximo da câmera, realçando os sentimentos expressos pelo personagem, condição que o teatro não tem, apesar do melodrama ter surgido nele. A expressão corporal do ator também é fundamental no melodrama, pois essa narrativa é marcada pelo exagero. Conforme argumenta Xavier (2003), melodrama significa ação, velocidade, efeitos ilusionistas, enredos complicados e cheios do que hoje chamamos “golpes de teatro”. Muito dos artificios que o cinema entrega, podem envolver o espectador na narrativa, sendo que sentidos, tipos de sensibilidades e emoções surgem em quem acompanha a história.

Considerações finais

A história do cinema, sobretudo a produção hollywoodiana, é marcada por uma narrativa caracterizada pelos excessos e pela assimilação rápida dos espectadores.

² A identificação das matrizes que operam no cinema moderno fundamenta-se, em grande medida, no diagnóstico nietzscheano sobre a cultura e a tragédia. Na minha dissertação, apresentada em 2016, analisei algumas obras dos diretores Martin Scorsese e Woody Allen sob a ótica da filosofia nietzscheana, a partir de conceitos como niilismo e pensamento trágico.

Entender os motivos dessa forma de sentir e pensar perpassa, necessariamente, compreender o contexto histórico em que ela se situa, pois somente assim é possível realizar pesquisas de forma responsável, sem simplificar temas como o melodrama e a imaginação melodramática.

A imaginação melodramática ainda está situada no período contemporâneo, construindo sentidos para a vida repleta de conflitos e que demandam reações dos indivíduos. Esse formato de imaginação tenta controlar o caos produzido pelo nosso tempo. Guerras, as incertezas da inteligência artificial, pandemia, democracias debilitadas, fome, crise climática, entre outras contradições, exigem respostas rápidas que tentam amenizar a violência que o tempo impõe. Os gregos, na Antiguidade, consultavam os deuses solicitando proteção contra as adversidades de seu tempo, onde a mitologia tem papel fundamental na compreensão de como se portar diante da imensidão das dúvidas e mistérios do mundo. Na civilização grega, o deus Chronos (o tempo) era o mais jovem e o mais terrível de todos os filhos dos deuses, Urano e Gaia. Já, no nosso tempo moderno, a imaginação melodramática assume um caráter confortador diante do inevitável e da instabilidade do nosso tempo não endeusado.

O objetivo do presente artigo não é classificar qual a percepção mais vantajosa, se a grega ou a atual, mas identificar em que instância estamos inseridos. O filme analisado contribuiu nessa tarefa e por meio da análise crítica, podemos refletir melhor sobre a nossa visão de mundo e as sensibilidades que nos afetam. A velocidade e as contradições do mundo moderno nos desorientam, a linguagem melodramática reordena essa confusão. Essa imaginação nos faz entender que somos pequenos na imensidão do mundo, mas que todo sofrimento resultante da condição humana, pode ser recompensado em algum momento. A personagem Agnes representa, nesse sentido, uma espécie de antídoto ao caos, uma possibilidade de salvação, otimismo esse que os antigos gregos não tinham, eles aceitavam a inevitável tragédia que era a condição humana, portanto, tinham uma postura de afirmação da vida. Na modernidade ainda prevalece muitos aspectos da imaginação melodramática, como demonstrado na experiência do filme, em que perceber-se

como vítima das circunstâncias traz um alento imediato, mas que não nos coloca em uma posição ativa e afirmativa diante da vida.

Referências

Barbosa, V. F. (2016). *Pensar historicamente, com Nietzsche e através do cinema, a nossa modernidade* [Dissertação de mestrado não publicada]. Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

Brooks, P. (1995). *The melodramatic imagination: Balzac, Henry James, melodrama and the mode of excess*. Yale University Press.

Fear, D. (2025, 2 de dezembro). *Os 20 melhores filmes de 2025, segundo Rolling Stone*. Rolling Stone Brasil. <https://rollingstone.com.br/cinema/os-20-melhores-filmes-de-2025-segundo-rolling-stone/>

Hitchcock, A. (Diretor). (1958). *Um corpo que cai* [Vertigo] [Filme]. Paramount Pictures.

Pires, C. A. S. B., & Nogueira, L. M. (2013, dezembro). Como palavras ao vento: Considerações sobre a imaginação melodramática. *Revista da UFG*, 13(14).

Xavier, I. (2003). *O olhar e a cena: Melodrama, Hollywood, Cinema Novo, Nelson Rodrigues*. Cosac & Naify.

Zhao, C. (Diretora). (2025). *Hamnet* [Filme]. Amblin Partners; Hera Pictures.